

# 1

## Introdução

Este capítulo introdutório apresenta o tema de tese delimitado, passando pelas questões que originalmente motivaram sua escolha até a elaboração definitiva de um problema válido, apontando ainda as justificativas para tal decisão e sua relevância no meio acadêmico-pedagógico. A hipótese de estudo e os objetivos a serem alcançados com a pesquisa fazem, igualmente, parte desta Introdução.

### 1.1

#### O tema e suas delimitações

##### 1.1.1

#### Trabalhos anteriores/motivadores

A regência prevista pelos verbos é particularidade de cada língua. Já dizia Nascentes (1967, p.15): “De uma língua para outra, a construção pode mudar também. O francês *suivre* governa objeto direto (acusativo) e o alemão *heifien* governa objeto indireto (dativo).” Além disso, complementava o autor, a regência se baseia na língua viva: o verbo ‘namorar’, por exemplo, apesar de transitivo direto, por ser correlato aos verbos ‘noivar’ e ‘casar’, passou a ser construído com a preposição ‘com’. Essas peculiaridades acabam levando o aprendiz de um idioma estrangeiro a enfrentar dificuldades no uso da transitividade<sup>1</sup> verbal, em especial no que tange à escolha da preposição, desviando-se, assim, dos empregos mais adequados. Uma das explicações para tal ocorrência é a interferência – ou transferência negativa – que a língua materna<sup>2</sup> pode causar na língua estrangeira<sup>3</sup> quando o aluno toma o conhecimento daquela como base para o aprendizado desta.

---

<sup>1</sup> Toma-se aqui a transitividade (ou regência) como propriedade intrínseca ao verbo, de acordo com conceitos gramaticais mais modernos e consonante à teoria da Gramática de Valências.

<sup>2</sup> Entende-se por língua materna, doravante LM, a língua nativa do falante.

<sup>3</sup> Entende-se por língua estrangeira, doravante LE, qualquer língua não-nativa/materna do falante.

Essa situação foi relatada por Razuk (2002), num estudo sobre as transferências em regência verbal da língua inglesa para a língua portuguesa. Após análise de 65 redações escritas por estrangeiros<sup>4</sup> falantes do inglês LM e aprendizes do português LE, os problemas mais comuns puderam ser divididos em cinco grandes grupos: 1) ‘gostar de’, que o aluno usa sem a preposição ‘de’ por achar que o verbo é transitivo direto como no inglês (*‘to like’*); 2) ‘com infinitivo’, em que se elimina a preposição necessária por acreditar que todos os infinitivos em português prescindem deste elemento (em inglês, só há a marca de infinitivo *‘to’*, sem preposição); 3) ‘precisar/necessitar de’, que são considerados verbos de transitividade direta num paralelo com *‘to need’*; 4) ‘por X para’, pela tradução automatizada de *‘for’* em ‘por’ e *‘to’* em ‘para’; e 5) ‘grupo de casos variados’, devido, por exemplo, à associação natural dos pares *‘of-de’*, *‘on-em’*, *‘about-sobre’*, *‘to-para’* etc.

Com esses resultados, Razuk (2002) confirma parte de sua hipótese inicial, a de que os alunos fazem inadvertidamente a tradução direta das preposições – e consequentemente das regências – do inglês LM para o português LE com base numa “matriz” de correspondências – mentalmente elaborada – entre línguas diferentes. Quando se faz isso, está-se transportando a lógica (ou a forma de pensar) de uma língua para a outra, contrariando os princípios da relatividade linguística.

Esse artifício comumente utilizado pelos estrangeiros foi um dos assuntos estudados por Razuk (2004), que teve como tema central a relação entre os estudos da tradução e o ensino de português como língua estrangeira<sup>5</sup>.

O artigo faz um paralelo entre os métodos encontrados nos processos de tradução e adaptação e os variados caminhos trilhados pelos aprendizes para transmitir ideias da LM para a LE. Três hipóteses foram testadas e confirmadas, das quais duas interessam à tese diretamente: o aluno faz a tradução do tipo palavra-por-palavra a partir da perspectiva universalista dos estudos da tradução, utilizando-se, especialmente, do dicionário bilíngue, onde busca encontrar o “termo ideal”; e, com essas traduções literais e as estratégias de adaptação

<sup>4</sup> Os sujeitos da pesquisa eram alunos do curso “Português para Estrangeiros” da PUC-Rio (CCE e CCCI), distribuídos em cinco níveis (I a V) de proficiência.

<sup>5</sup> Doravante PLE.

verificadas ao longo do trabalho, o aluno de PLE acaba por construir uma outra língua – interlíngua<sup>6</sup> –, situada entre a materna e a estrangeira.

O primeiro trabalho (Razuk, 2002), complementado pelo segundo (Razuk, 2004), foi o que originalmente motivou a elaboração da presente pesquisa, como se poderá compreender a seguir.

### 1.1.2

#### O problema atual

Apontada desde o anteprojeto<sup>7</sup> como opção de tema para a tese de doutorado, a transferência realizada pelos falantes de inglês como língua materna com conhecimentos de espanhol no desempenho do português foi pensada em vista de alguns indícios. Durante a análise do material, Razuk (2002) pôde perceber que havia alguma diferença entre esse tipo de transferência – inglês L1<sup>8</sup>, espanhol L2<sup>9</sup> e português L3<sup>10</sup> – e aquele ora estudado – inglês L1 e português L2<sup>11</sup> –, diferença esta que, não tendo sido investigada à época da monografia, se tornou a principal questão do projeto de tese.

O problema atual se desdobra na seguinte pergunta: de que maneira o espanhol, sendo a primeira língua não-nativa do falante nativo de inglês, influenciaria a aquisição de uma segunda língua não-nativa tipologicamente próxima a ela, o português?

É válido comentar neste ponto do trabalho que, como em Ellis (1994), não se fará distinção entre ‘acquisition’ (aquisição) e ‘learning’ (aprendizado), sendo palavras intercambiáveis ao longo desta tese<sup>12</sup>. No caso das expressões ‘second language acquisition’ (‘aquisição de segunda língua’) e ‘foreign language

<sup>6</sup> A expressão ‘terceira língua’ é utilizada por muitos autores como sinônimo de ‘interlíngua’. Aqui, ‘terceira língua’ (ou simplesmente ‘L3’) representa uma segunda língua não-nativa/materna, tendo o número valor sequencial de aquisição.

<sup>7</sup> A preparação de um anteprojeto de tese, com o acompanhamento de um professor do programa, faz parte dos pré-requisitos de seleção para o curso de doutorado em Estudos da Linguagem na PUC-Rio.

<sup>8</sup> Lê-se ‘inglês como primeira língua’, doravante IL1.

<sup>9</sup> Lê-se ‘espanhol como segunda língua’, doravante EL2.

<sup>10</sup> Lê-se ‘português como terceira língua’, doravante PL3.

<sup>11</sup> Lê-se ‘português como segunda língua’, doravante PL2.

<sup>12</sup> Krashen (1981/2002), por exemplo, diferencia os conceitos: ‘aquisição’ se refere ao que é absorvido naturalmente, informalmente ou subconscientemente (*subconscious language acquisition*) e ‘aprendizado’, artificialmente, formalmente ou conscientemente (*conscious language learning*).

acquisition’ (‘aquisição de língua estrangeira’), que têm o mesmo significado para o autor, a tese dará conotação especial à primeira: enquanto ‘língua estrangeira’ abrangerá todas as línguas não-nativas<sup>13</sup>, ‘segunda língua’ será usada em oposição à ‘primeira’, ‘terceira’, etc., por ordem de aquisição.

Finalmente, tomando como verdadeiro que a aquisição de línguas estrangeiras é totalmente diversa da aquisição de línguas nativas, o processo de aquisição de terceira língua<sup>14</sup> (cf. Cenoz, 2005) será tratado como de maior complexidade que o de segunda<sup>15</sup> (cf. Ellis, 1994), pois envolve muitas outras combinações de fatores – por exemplo, as influências interlinguísticas<sup>16</sup> se multiplicam pelo simples fato de haver mais uma língua na dinâmica processual. No caso presente, o espanhol é essa língua a mais e estaria interferindo de alguma maneira na produção de textos em português por anglo-falantes. Mas como seria essa dinâmica entre as línguas? Weinreich (1970, p.112) foi um dos primeiros a fazer esse questionamento:

From the analysis of the mechanisms of linguistic interference, its structural causes, and its psychological and socio-cultural co-determinants, these basic problems emerge: In a given case of language contact, which of the languages will be the source of what forms of interference? How thoroughly will the effects of interference be incorporated in the recipient language? How far in space will they be diffused?<sup>17</sup>

## 1.2

### Justificativas teóricas e práticas

Como resultado do aumento da comunicação entre diferentes partes do mundo, existe, hoje em dia, uma intensa e crescente demanda pelo indivíduo multilíngue, ou seja, por pessoas que sejam competentes em idiomas falados internacionalmente. Edwards (1994, p.01) apresenta o multilinguismo como algo frequente e natural, e não mais uma exceção: “To be bilingual or multilingual is not the aberration supposed by many (...); it is, rather, a normal and unremarkable

<sup>13</sup> Crystal (1999) explica que uma ‘língua não-nativa’ (LNN) é qualquer língua que as pessoas usem além da ‘materna’.

<sup>14</sup> Doravante AL3 (ou TLA, em inglês).

<sup>15</sup> Doravante AL2 (ou SLA, em inglês).

<sup>16</sup> Ou CLI (cross-linguistic influence), que se refere a quaisquer efeitos – positivos ou negativos, intencionais ou não – do conhecimento de uma língua sobre a produção e recepção de uma outra língua, independentemente do nível de cada uma delas.

<sup>17</sup> A doutoranda optou por manter todas as citações na língua original das referências.

necessity for the majority in the world today”. Soma-se a isso o despertar do interesse na manutenção e revitalização de línguas minoritárias, criando situações de coexistência de mais de uma língua em uma mesma comunidade.

Não é de se surpreender, então, que os estudos sobre multilinguismo suscitem cada vez mais a curiosidade da academia; inclusive porque o número de pessoas que falam mais de duas línguas já ultrapassou o de bilíngues em todo o mundo. Segundo Crystal (1997), essa é a situação linguística de centenas de milhões de pessoas: ainda que não haja estatísticas oficiais, sabe-se que cerca de cinco mil línguas coexistem em menos de 200 países; o que comprova a existência de uma enorme quantidade e variedade de contatos linguísticos. Já Calvet (2002, p.35) – que prefere denominar o fenômeno de plurilinguismo – calcula que existam entre 4000 e 5000 línguas distribuídas em cerca de 150 países, o que resultaria em uma média de 30 línguas por região.

Nos Estados Unidos da América, o Censo Populacional de 2000 (cf. U.S. Census Bureau, Census 2000) concluiu que dos 262.375.152 habitantes no país, 46.951.595 (quase 20%) falam outra língua<sup>18</sup>, dos quais 28.101.052 (mais de 10%) são falantes do espanhol (vide Anexo 1: *Detailed List of Languages Spoken at Home for the Population 5 Years and Over by State: 2000*). O próximo censo será em 2010 (cf. U.S. Census Bureau, Census 2010), mas um levantamento preliminar da American Community Survey (cf. U.S. Census Bureau, American Fact Finder 2005) demonstra o forte crescimento de falantes de outras línguas (predominantemente o espanhol) em praticamente todas as regiões dos Estados Unidos (vide Anexo 2: *Language Spoken at Home by State: 2005*): em cinco anos, a proporção de falantes da língua espanhola em todo o país passou de 10,7% para aproximados 12%.

Gordon (2005) prevê que esses números tendem a aumentar cada vez mais, chamando a atenção para o fato de que a população de língua espanhola nos EUA subiu 61% desde 1970. Crystal (1997, p.363) ratifica essa tendência de crescimento, principalmente em algumas regiões:

The highest figures are in the north-east (around New York and its hinterland) and in the south-west (where the main influx of Spanish speakers has taken place). The

---

<sup>18</sup> Inclusive há, naquele país, estados e territórios oficialmente bilíngues, o que é o caso de Luisiana (inglês e francês), Novo México (inglês e espanhol), Havaí (inglês e havaiano), Porto Rico (inglês e espanhol), Guam (inglês e chamorro) e Samoa Americana (inglês e samoano); e uma região trilingue, as Ilhas Marianas do Norte (inglês, chamorro e caroliniano).

past 20 years has seen a steady increase in the states of the south and along the west coast, most dramatically in California and Florida (Louisiana is the only southern state where the trend is in the opposite direction); (...).

O autor explica ainda que, depois do francês – que continua com prestígio cultural e literário, tendo sido a língua franca internacional nos séculos XVIII e XIX e início do XX –, o espanhol e o alemão costumam ser a segunda opção de língua nos países de fala inglesa. Especificamente nos EUA, porém, é a língua espanhola que desempenha esse papel por causa da proximidade geográfica com países hispânicos e a grande imigração proveniente dessas áreas. No início deste século, uma pesquisa do Instituto Gallup (cf. Jones, 2001) revelou que 22% dos americanos adultos falantes de inglês (não-hispânicos) têm domínio suficiente de uma segunda língua para manter uma conversação – e o espanhol é de longe a principal língua não-nativa (55%), seguida do francês (23%) e do alemão (13%).

Na matéria *EUA terão mais falantes de espanhol (...)* [2005], Alberto Gómez Font, filólogo e coordenador da Fundeu – Fundação do Espanhol Urgente – vai mais longe e afirma que “alguns de nossos netos poderão ver os EUA com mais falantes de espanhol do que de inglês (...) passou de uma língua que não era considerada importante a uma língua que movimenta dinheiro, o que traz importância social e política”.

Curiosamente, os EUA possuem a quinta maior população de hispano-falantes do mundo, perdendo apenas para o México, Espanha, Argentina e Colômbia – todos eles países que têm o espanhol como idioma oficial –, e isso faz com que os norte-americanos sintam necessidade de aprender a língua espanhola para, entre outras coisas, se comunicar nas ruas e fazer negócios. O mercado hispânico está em franco crescimento: o poder de compra dos latinos mais que dobrou entre 2002 e 2004; a mídia hispânica experimentou um *boom* da ordem de 80% nos últimos cinco anos, com gastos em propaganda televisiva de 1,41 bilhão em 2005; e o país já comportava 500 jornais, 152 revistas e 205 editoras em idioma espanhol no ano de 2004. Vinte anos atrás, Thomas Weyr (1988, *apud* Williamson, 1988) se antecipava:

They have been here for 450 years and for 45 seconds. They may number 18 million or 20 million or 23 million, even 30 million. They are establishing Spanish as a second language [in the U.S.] alongside English. They have built a new and vibrant [read ‘progressive’] Hispanic Catholic Church, and encouraged Protestant

sects to compete for their souls. They are constructing a new culture and a new consciousness. They are changing the country. They are breaking the melting pot.

Schildkraut (2005) debate a questão política da interação governo-cidadãos (discussão sempre em voga em épocas de eleição presidencial nos Estados Unidos, como neste ano), chamando a atenção para os números projetados pelo Census Bureau: até o ano 2020, a população norte-americana será composta de 64% brancos não-hispânicos, 16% hispânicos, 13% afro-americanos e 6% asiáticos; e por volta de 2050, eles serão, respectivamente, 53%, 25%, 13% e 8%. Tais projeções reafirmam uma nova dinâmica político-econômica no país.

Nesse novo contexto social, muitos dos norte-americanos que vêm ao Brasil – seja a lazer, seja a negócios, mas querendo aprender o português – já chegam aqui com algum conhecimento do espanhol, ou seja, com características linguísticas de inglês L1 e espanhol L2. Uma vez que esse grupo de alunos tende a crescer continuamente<sup>19</sup>, faz-se relevante um estudo que considere as influências não só da primeira como também da segunda língua no aprendizado do português.

Segundo Burim (2006), como o Brasil vem se destacando no cenário econômico mundial, todos os dias, mais e mais empresas e profissionais estrangeiros chegam aqui para concretizar negócios e participar ativamente da nossa economia. Dados do Ministério do Trabalho e Emprego mostram que eles são, em sua maioria, provenientes dos Estados Unidos (18.915 entre os anos de 1998 e 2004), posicionando-se bem na frente de França (6.530), Inglaterra (6.306), Alemanha (6.189), Itália (4.930) e China (4.051); sendo que os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo recebem juntos mais de 80% do total dessa mão de obra estrangeira.

Na outra ponta do mapa, cresce também a procura pelo português nas universidades norte-americanas. Bonino (2007) diz que “a língua portuguesa virou um inusitado objeto de desejo dos americanos (...) É um amor brando ainda, nada comparado à devoção quase canina que os brasileiros dedicam ao inglês. Mas que se fortalece na rabeira do crescimento do mundo lusófono na América do Norte”. Com a maior importância econômica, política e cultural do Brasil no cenário

---

<sup>19</sup> Dados da CCCI – Coordenação Central de Cooperação Internacional – e da CCE – Coordenação Central de Extensão –, ambas responsáveis pelos cursos de português para estrangeiros da PUC-Rio, revelam que a concentração de alunos norte-americanos nas turmas de PLE é cada vez maior.

internacional e do número de brasileiros morando nos EUA<sup>20</sup>, a oferta de cursos de português entre os norte-americanos aumentou e novas cátedras foram abertas em grandes universidades, como Harvard, Princeton, Emory e Dartmouth College – a Michigan State University organizava, no momento da confecção dessa matéria, seu bacharelado duplo em espanhol e português.

A jornalista relata que, entre 1998 e 2002, os alunos inscritos em cursos de língua superior passaram de 6.926 para 8.385. O crescimento de 21,1% nas inscrições em português superou o das três línguas mais procuradas – espanhol (13,7%), francês (1,5%) e alemão (12,3%). O mais interessante, complementa ela, é que a grande maioria das pessoas que quer aprender português, antes, já assimilou o espanhol, pois costuma ter como meta se especializar em culturas latino-americanas.

No relatório do ano de 2006 da The Modern Language Association of America (cf. Furman, Goldberg e Lusin, 2007), o índice passou para 22,4% (de 8.385 inscritos em 2002 para 10.267 em 2006), sendo que o espanhol continua, em disparada, a língua mais procurada pelos norte-americanos (52,2% do total), seguida do francês (13,1% do total) e do alemão (6,0% do total).

Ademais, nas estimativas de Gordon (2005), o inglês, o espanhol e o português estão entre as dez línguas mais faladas mundialmente – respectivamente em 2º, 3º e 7º lugares –, incluindo nativos e não-nativos. Portanto, ao focar essas três línguas em situação de contato – trilinguismo inglês-espanhol-português –, a tese estará lidando com um ambiente linguístico de extrema importância não só acadêmica, mas também comercial.

Por fim, quanto ao tópico gramatical propriamente dito, a escolha recai sobre a transitividade verbal principalmente por levantar novas questões sobre as transferências sintáticas – muito menos pesquisadas que as fonológicas e semânticas. E, não obstante qualquer brasileiro possa, com um mínimo de esforço, entender um estrangeiro utilizando uma regência equivocada, Ellis (1994, p.71) defende a importância da investigação sobre elementos funcionais, como é o caso das preposições regidas:

---

<sup>20</sup> Esse número quintuplicou em vinte anos: saltou de 48 mil, em 1980, para quase 250 mil, em 2000. Pesquisas mais recentes indicam, no entanto, que o total de imigrantes brasileiros já passou de 500 mil, se incluídos os que estão em situação ilegal; sem contar os imigrantes portugueses (que já soma cerca de 1,5 milhão) e os provenientes de outros países lusófonos.

The claim that greater attention should be paid to errors that affect comprehension does not mean that no attention should be paid to local errors in morphology or the use of grammatical functors. Indeed, the fact that such structures do not have much communicative value may be one reason why they are often not acquired and why an instructional focus on them may be necessary.

Além disso, enquanto a maioria dos compêndios gramaticais costuma dar pouca atenção às preposições e conjunções, inclusive chamando-as simplesmente ‘partículas de enlace’, trabalhos mais recentes (cf. subitem 3.1.3 desta tese) consideram que são justamente esses elementos – com escasso ou mesmo sem nenhum significado léxico – as peças-chave que organizam a estrutura dos sintagmas nas orações de uma língua.

### 1.3

#### Relevância acadêmico-pedagógica

Uma vez que a competência comunicativa em determinada língua inclui, como um dos seus pré-requisitos, a assimilação de regras gramaticais, faz-se essencial que o estrangeiro seja introduzido ao melhor uso da regência/transitividade verbal<sup>21</sup>, especialmente se os verbos (e suas preposições) são considerados os grandes responsáveis pela estrutura da frase no português.

Conhecendo a valência<sup>22</sup> do verbo – e, por consequência, os argumentos previstos por ele –, o aluno deverá ser capaz de identificar se, em havendo complementação verbal, esta é ou não precedida de preposição e, em caso afirmativo, qual adotar. Sendo a preposição esvaziada de sentido (por servidão gramatical) ou não (com implicações semânticas), o aprendiz que não conseguir dominar sua aplicação será sempre “um estrangeiro” aos olhos do nativo. Quando ele troca a preposição adequada pela inadequada – principalmente no caso daquelas que trazem algum sentido ao discurso –, possivelmente sua intenção não será reconhecida pelo interlocutor; gerando problemas de comunicação.

Acrescenta-se a isso que a dificuldade em escolher a preposição ideal para acompanhar o verbo empregado leva o aluno, muitas vezes, a traduzi-la

---

<sup>21</sup> Doravante RV.

<sup>22</sup> A valência de um verbo corresponde aos espaços que devem ser preenchidos por argumentos em vista das características lexicais intrínsecas a ele – e em conformidade com a nomenclatura utilizada na Gramática de Valências.

literalmente da língua-fonte para a língua-meta<sup>23</sup>, e insistir nessa cômoda opção pode acarretar a fossilização, isto é, internalizações definitivas e equivocadas da língua. O professor de PLE, consciente da heterogeneidade linguística de suas turmas e do seu papel orientador e intermediador, precisa, então, ficar atento a essas possibilidades.

A grande contribuição desta pesquisa está, portanto, em ajudar esse profissional a compreender o que acontece com os seus alunos, ou seja, qual(is) o(s) mecanismo(s) utilizado(s) que resulta(m) no uso inadequado da regência verbal – neste caso, pelos aprendizes do português (PL3) com conhecimentos de inglês (IL1) e espanhol (EL2) –, e evidenciar que pontos devem ser ressaltados em aula, para que eles deixem de cometer esses mesmo erros. Outros profissionais da área, como coordenadores de curso, editores de materiais didáticos e pesquisadores em geral, poderão, da mesma forma, tirar proveito desses subsídios pedagógicos.

Finalmente, mas não menos importante, a proposta aqui apresentada é entendida como de grande relevância e força acadêmica ao possibilitar a produção de conhecimento novo no campo da descrição e ensino do português como língua estrangeira – mais especificamente, como terceira língua. Embora não esgote e nem de perto restrinja o assunto, ajuda a preencher uma enorme lacuna nessas pesquisas, em especial no que se refere à regência verbal na interface inglês-espanhol-português. Weinreich (1970, p.113) aponta algumas vantagens acadêmicas dos estudos sobre contatos multilingues como este:

The theory of interference as well as the methodology of studying it can profit substantially from investigations of multiple language contact, that is, of cases in which the same language has been in contact with two or more others. With the structure of that one language constant, the mutual influences of it on the others, and vice versa, can be described in fully comparable terms, and the likelihood of chance convergence or of similarity due to other uncontrollable causes is considerably reduced.

## 1.4

### Hipótese

Durante a análise das redações para a monografia de especialização (cf. Razuk, 2002), a agora doutoranda teve a impressão de que os falantes nativos de

---

<sup>23</sup> As expressões língua-meta e língua-alvo serão utilizadas com o mesmo sentido.

inglês com conhecimentos de espanhol usariam sempre esta língua e não aquela como matriz de tradução para o emprego da RV em português. Fatores como a menor distância tipológica<sup>24</sup>, o *status* de língua estrangeira<sup>25</sup> e o efeito de última língua adquirida<sup>26</sup> seriam três forças a favor da prevalência do espanhol L2 sobre o inglês L1 na aquisição do português L3, independentemente do nível de proficiência na segunda língua. Essa, portanto, havia sido a hipótese adotada pela pesquisadora no início de seus estudos para o projeto de tese.

Entretanto, algumas análises mais atentas de textos de alunos com o perfil linguístico inglês L1, espanhol L2 e português L3 revelaram, no decorrer da elaboração do projeto, que as transferências nem sempre ocorrem do espanhol para o português – como imaginado a princípio –, indicando que outros fatores estariam envolvidos no processo. Passou-se a suspeitar, então, que simplesmente conhecer o espanhol não seria o bastante para que ele fosse maior fonte de influências do que o inglês em se tratando de transitividade/regência verbal; melhor dizendo, o aluno precisaria ter algum domínio da língua espanhola para que esta fosse favorecida – até mesmo podendo facilitar o uso adequado do português no caso de estruturas semelhantes.

Dessa forma, a hipótese a ser investigada tornou-se a seguinte: o aprendiz de português L3 com inglês L1 e espanhol L2 incorre em erros de regência verbal por conta de transferências da L1 ou da L2 dependendo do seu nível de domínio na língua espanhola, ou seja, quanto maior a competência (conhecimento e uso) nesta língua, maior a interferência do espanhol e menor a interferência do inglês no uso regencial dos verbos em português; inclusive neutralizando as transferências negativas do inglês no caso de haver semelhanças entre a transitividade do espanhol e do português.

Pode-se adiantar<sup>27</sup> que a pesquisa de tese – e, naturalmente, o desenvolvimento da hipótese de trabalho – será orientada pelos seguintes aspectos: o nível de proficiência em L2 – neste caso, o espanhol –, a distância tipológica entre as línguas – inglesa, espanhola e portuguesa –, a frequência de

---

<sup>24</sup> Tradução livre de ‘typological distance’.

<sup>25</sup> Tradução livre de ‘foreign language status’. Embora muitos usem a expressão ‘second language status’, a tradução para ‘*status* de segunda língua’ não condiz com o conceito (sequencial) de L2 adotado aqui.

<sup>26</sup> Tradução livre de ‘last language effect’.

<sup>27</sup> Mais explicações se encontram no capítulo de metodologia (Cap. 5: Procedimentos metodológicos).

uso/ativação da segunda língua (L2) e o *status* de língua estrangeira (LE); todos eles consensualmente aceitos pelos pesquisadores em AL3 como fatores de maior influência no processo de aquisição de terceira língua.

## 1.5

### Objetivos

Em vista de tudo que foi exposto até aqui, o principal objetivo desta tese consiste em, a partir da análise do material dos alunos com IL1, EL2 e PL3 – em comparação com outros perfis (controle) –, entender como se dá a dinâmica das transferências entre línguas (CLI) na “constelação” inglês, espanhol e português quando o foco é a utilização da RV. Na prática, isso significará: identificar qual das línguas (inglês L1 ou espanhol L2) é a fonte das transferências na L3<sup>28</sup> – e se estas são positivas ou negativas –, descrever como atuam no português e explicar por que (ou melhor, em que circunstâncias) uma teria preponderância sobre a outra – agrupando-se e analisando-se os verbos caso a caso.

Os alunos de português serão agrupados em três *backgrounds* (características linguísticas) distintos – falantes apenas de inglês L1; falantes apenas de espanhol L1; e falantes de inglês L1 e espanhol L2 –, a fim de se listarem os problemas mais comuns de regência verbal decorrentes de interferência em cada grupo, analisá-los comparativamente e sistematizá-los de forma a encontrar uma padronização ou classificação por conta das influências interlinguísticas. Com o apoio de questionários, redações e atividades extras – instrumentos metodológicos de análise que serão apresentados em capítulo mais apropriado –, toda essa operacionalização, aliada à contagem das ocorrências, vai permitir à pesquisadora atingir o seu objetivo maior, qual seja, a confirmação (ou não) da hipótese de pesquisa.

Em paralelo (isto é, como objetivo intermediário), serão oferecidas orientações a partir do contraste entre as línguas para que o professor possa conscientizar o aluno estrangeiro sobre como empregar as preposições no âmbito da regência verbal do português, evitando, desse modo, escolhas inadequadas às

---

<sup>28</sup> O inverso, isto é, as possíveis transferências da L3 nas L1 e L2 ou da L2 na L1 não farão parte deste estudo, apesar de poder se configurar como um tema bastante interessante para futuros pesquisadores.

suas intenções como falante – além de consequentes fossilizações de estruturas equivocadas por conta de interferências. Para se chegar a isso, a presente tese contará com um capítulo sobre como as gramáticas de PLE tratam a RV.

Os resultados pretendidos devem, em última análise, levar a um melhor aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem do português como L3.

**RESUMINDO**, a tese trata de assunto inédito na medida em que, apesar de existirem muitas pesquisas sobre regência/transitividade verbal e sobre o português como língua estrangeira, nenhuma delas trabalha com ambos os temas na perspectiva da aquisição do PL3. Os estudos sobre aquisição de terceira língua ainda são incipientes, mas têm boas perspectivas acadêmicas, vez que cresce o número de multilíngues no mundo e, no Brasil, aumenta a quantidade de estrangeiros interessados em aprender o português já tendo conhecimentos de outra(s) língua(s) além da materna, inclusive de origem latina.

Com o grande fluxo de imigração hispânica nos EUA, a maioria dos norte-americanos chega aqui sabendo o espanhol, configurando uma situação linguística que deve ser estudada em seus próprios termos: IL1, EL2 e PL3. Ou seja, é extremamente importante levar em conta as transferências não só da primeira como também da segunda língua no desempenho da terceira; assim como os outros fatores específicos dessa situação de contato.